



CARTA DO SUPERIOR GERAL
AOS COIRMÃOS DA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

UMA “CONGREGAÇÃO SINODAL” a serviço do Evangelho na cultura da comunicação

Caríssimos irmãos,

minha saudação, desejando que a graça e a luz de Jesus Mestre acompanhem sempre todos vocês.

Esta carta chega num momento em que a emergência devida ao Covid-19 ainda continua. O que se mostra evidente é que a pandemia, infelizmente com tantas vítimas em todo o mundo, também está tendo fortes repercussões na sociedade, na economia, nos estilos de vida, nas instituições e na Igreja, sem deixar imune, evidentemente, a nossa Congregação.

Pandemias semelhantes, como sabemos, ocorreram periodicamente ao longo da história da humanidade; mas a globalização do mundo contemporâneo torna esse evento novo e único. Refletindo sobre essa realidade à luz do episódio da tempestade acalmada por Jesus (cf. Mc 4,35-41), papa Francisco disse: *“Tomamos consciência de que estamos na mesma barca, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários, todos chamados a remar juntos, todos necessitados de apoiar-nos mutuamente. Sobre essa barca... estamos todos”*. Depois constatou: *“Como aqueles discípulos que, a uma só voz e angustiados, dizem ‘estamos perdidos’ (v. 38), assim nós também nos damos conta que não é possível prosseguir cada um por si, mas somente juntos”*¹.

O apelo de papa Francisco de caminhar juntos nos introduz na reflexão desta carta que trata justamente da sinodalidade, um “estilo de Igreja” sobre o qual ele está insistindo desde o início de seu pontificado e que apresentou como empenho programático ao declarar: *“O mundo em que vivemos, e que somos chamados a amar e servir também nas contradições, exige da Igreja a potenciação das sinergias em todos os ambientes de sua missão. É justamente o caminho da sinodalidade que Deus aguarda da Igreja do terceiro milênio”*².

Na óptica do carisma paulino, “devemos fazer o bem a quem vive hoje”³, já dizia nosso Fundador. E hoje temos um mundo atingido não apenas pela pandemia, mas também por tantas outras situações de sofrimento e de incerteza causadas inclusive pela assim chamada “mudança de época”. Um tempo caracterizado por mudanças não lineares mas, precisamente, epocais, nas quais mudam rapidamente o modo de viver, de

¹ Papa Francisco, *Momento extraordinário de oração em tempos de epidemia*, 27 de março de 2020.

² Papa Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015.

³ Tiago Alberione, *Alle Figlie di San Paolo. Spiegazione delle costituzioni*, 275.

relacionar-se, de elaborar e comunicar o pensamento, de convivência entre as gerações humanas, e de viver a fé e a ciência⁴. Tempo marcado também por tantas outras situações de mal-estar: empobrecimento espiritual e econômico, exclusão social, fanatismo religioso de um lado e relativismo de outro, desemprego, crises da família, degradação do meio ambiente, violência de variadas formas, tantas pessoas em situação de abandono, migrações motivadas por situações de guerra e de pobreza, etc.

Obviamente, a proposta de aprofundar o tema da sinodalidade não se justifica apenas pelos tempos difíceis em que vivemos, mas pelo valor de “caminhar juntos” também nas situações positivas existentes no mundo, na Igreja e em nossa Congregação. As turbulências que atravessamos nesta fase da história nos impulsionam a valorizar ainda mais o viver e trabalhar em sinergia.

O objetivo desta carta é oferecer alguns pontos de reflexão sobre a sinodalidade, partindo da consideração que se trata de um aspecto essencial da vida da Igreja, e portanto também nós, como Congregação, somos convidados a entrar nesse “modo de ser Igreja” para responder aos apelos que o mundo contemporâneo suscita para a nossa vida e missão específica.

Nesta perspectiva iniciamos nossa reflexão tratando da importância da sinodalidade na vida da Igreja e, a seguir, da comunicação como recurso imprescindível para a eficácia do caminho sinodal. Depois, apresentaremos Jesus como primeira referência da sinodalidade, e São Paulo como exemplo de discípulo que soube viver e trabalhar em sinergia com os outros. Por fim, procuraremos situar a Congregação nesse horizonte, tendo presentes suas esperanças e dificuldades, e apresentaremos a Palavra e a Eucaristia como alimentos do caminho. Trata-se apenas de algumas considerações sobre o tema da sinodalidade, sem a pretensão de exaurir esse assunto complexo, que continua por isso sempre aberto a ulterior reflexão e discussão.

I. A sinodalidade, desafio para o nosso tempo

Partindo da origem da palavra “sínodo”, temos os termos gregos *syn* (“junto”) e *odòs* (“caminho”), que nos conduzem ao significado de “caminhar junto”. Conceito fácil de expressar em palavras, mas difícil de pôr em prática. Este “caminhar”, obviamente, não se refere ao modo como atua uma assembleia parlamentar ou um sindicato, onde cada um quer fazer prevalecer os interesses do próprio grupo ou até os próprios interesses individuais, mas como povo de Deus chamado a deixar-se iluminar pelo Espírito Santo. De fato, “*ser verdadeiramente ‘sinodal’ é avançar em harmonia sob o impulso do Espírito*”⁵.

Recordamos que, desde os primeiros séculos da história da Igreja, são designadas com a palavra “sínodo”, com um significado específico, as assembleias eclesiais convocadas em diversos níveis (diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal) para discernir questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que iam surgindo⁶. Dessa longa história despontam tantíssimos aspectos que podem ser objeto de estudo e de reflexão.

Após o Concílio Vaticano II, a temática da sinodalidade foi retomada fortemente por Paulo VI, que instituiu o Sínodo dos Bispos para a Igreja universal⁷. Sucessivamente João Paulo II, Bento XVI e Francisco continuaram essa tradição, convocando vários Sínodos.

⁴ Cfr. Papa Francisco, *Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios*, 21 de dezembro de 2019.

⁵ Joseph Ratzinger, *Le funzioni sinodali della Chiesa: l'importanza della comunione tra i Vescovi*, in *L'Osservatore romano*, 24 gennaio 1996, 4.

⁶ Commissione Teologica Internazionale, *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*, n. 4.

⁷ Papa Paulo VI instituiu o Sínodo dos Bispos com o *Motu Proprio*, publicado em 15 de setembro de 1965.

Nos últimos anos, papa Francisco tem insistido a respeito da necessidade de novos passos, otimizando sempre mais o caminho sinodal, procurando clarificar a compreensão do termo “sínodo”, que não pode ser reduzido à ideia de reuniões de cardeais e bispos. O sínodo, como tal, é um conceito muito mais amplo da colegialidade. A “colegialidade” diz respeito ao episcopado, o Colégio do qual o papa, como sucessor de Pedro, é a cabeça⁸. O termo “sinodalidade”, ao invés, evidencia que também os batizados devem ser envolvidos, e todos são atores e protagonistas, cada um segundo a própria função. Em outros termos, a sinodalidade abarca toda a Igreja em sua riqueza de ministérios.

É verdade que a sinodalidade é um assunto a ser ainda aprofundado em nível eclesial, motivo pelo qual papa Francisco convocou, para o ano 2022, um Sínodo dos Bispos sobre este tema particular. O aspecto que desejamos ressaltar nesta carta é, primeiramente, a sinodalidade como “método”, buscando um sentido a esta praxe, que deve impulsionar também nós Paulinos a assumir um estilo de vida que valorize toda pessoa, que motive cada um a sentir-se realmente parte de um “corpo”, que estimule à corresponsabilidade, que torne verdadeiramente cada um, de alguma forma, participe da vida e da missão paulina, onde uns escutam os outros e todos procuram escutar o que diz o Espírito. Processo em que a comunicação, que produz partilha e colaboração, é um dado fundamental.

Sabemos que a experiência sinodal não é totalmente nova em nossa Congregação. Basta recordar nossos Capítulos gerais e provinciais ou as Assembleias regionais, que são momentos privilegiados de encontro, que promovem a comunhão, a reflexão comum e a corresponsabilidade nas decisões. Também as estruturas de governo, em seus vários níveis, segundo nossas normativas com os respectivos Conselhos, são expressões concretas que promovem o caminho comum. Igualmente os Organismos internacionais, no campo do apostolado e da formação, são espaços para crescer na unidade como Congregação.

O grande desafio é – embora penoso – passar de uma “sinodalidade ocasional” para um “estilo sinodal” de Congregação; ou seja, transformar a sinodalidade em método de oração, de pensamento, de programação e de realização comum, para que nossa mensagem possa chegar com eficácia aos nossos interlocutores.

2. Com a Igreja, povo de Deus a caminho

Quando falamos de caminho sinodal referimo-nos, primeiramente, ao caminhar juntos como Povo de Deus. Somos Igreja e, como Congregação, queremos caminhar com a Igreja nas pegadas de nosso Fundador, para quem “*a Família paulina reflete a Igreja nos seus membros, nas suas atividades, no seu apostolado, na sua missão*”⁹. Tomando o tema da sinodalidade como objeto de reflexão, queremos estar em sintonia com o magistério eclesial que, nos últimos anos, rebate a necessidade de unir as forças para enfrentar os grandes desafios pastorais nesta “mudança de época”.

Caminhar juntos, mas em vista de que? Entre os motivos principais, a missão ocupa espaço especial. Com efeito, a sinodalidade está orientada essencialmente para a missão¹⁰, e a missão da Igreja é evangelizar. “*De fato, evangelizar é a graça e a vocação*”

⁸ Commissione Teologica Internazionale, *La sinodalità*, op. cit. n. 7.

⁹ Tiago Alberione, *Alle Pie Discepoli del Divin Maestro*, VIII - 1963, 163.

¹⁰ Cfr. XV Assembleia generale ordinaria del Sinodo dei Vescovi, *I giovani, la fede e il discernimento vocazionale*, Documento finale, n. 125.

própria da Igreja, a sua identidade mais profunda”¹¹. Todavia, evangelizar não é ação solitária, embora o testemunho pessoal tenha certamente um papel importante. “*Evangelizar nunca é, para ninguém, um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial*”¹². Em particular no nosso caso temos necessidade de unir as forças, para levar adiante nossa missão de evangelizar com as linguagens atuais no universo complexo da comunicação.

Um estilo de Igreja sinodal visa promover a participação e a corresponsabilidade em vista da evangelização, motivando para a experiência de partilha, que se inicia na comunidade¹³. Cada comunidade é chamada a viver o evangelho a partir de dentro, na abertura a Deus e ao outro, no diálogo, na comunhão, superando toda tentação de autorreferencialidade, a fim de descobrir caminhos novos de evangelização.

A esse respeito, nossas Constituições são claras quando afirmam que nosso apostolado é “*eminentemente comunitário*” e que, portanto, deve-se cultivar a colaboração fraterna e a amizade, para corresponder à vocação comum¹⁴. Tudo isso nos faz pensar até que ponto o estilo sinodal, isto é, a prática de caminhar juntos, está verdadeiramente presente em nossas comunidades em vista da evangelização. Com certeza este interrogativo nos leva, antes de tudo, a um aspecto do caminho sinodal que consideramos importante aprofundar: as relações humanas, uma realidade estritamente ligada ao âmbito da comunicação.

3. Sinodalidade e comunicação

O tema da sinodalidade leva-nos necessariamente a entrar no âmbito das relações humanas, sem as quais é impossível aderir a um “*estilo de vida sinodal*” autêntico: se não se cultiva um relacionamento humano sincero e maduro é difícil “*caminhar juntos*”. Isto quer dizer que atrás do “*estilo sinodal*” existe a comunicação no seu sentido humano mais profundo.

Faltando a comunicação, que se exprime concretamente na abertura a Deus e ao outro – seja este “*outro*” um o mais interlocutores –, torna-se impossível um caminho sinodal eficaz. Nesse caminho a comunicação tem um papel imprescindível, que certamente se manifesta na linguagem, no comportamento, nas atitudes, nas escolhas, onde entram a escuta, a palavra, o silêncio, o diálogo e o discernimento. Apresentaremos algum breve aceno a todos esses aspectos.

a) Escuta

A comunicação não é elemento marginal no caminho sinodal, e depende em boa medida do empenho pessoal de cada um, por vezes fatigante, visto que não é sempre fácil comunicar. De fato, nem sempre é simples partilhar aquilo que verdadeiramente pensamos e sentimos, também devido ao receio que, expondo-nos, se possam criar divergências ou conflitos.

A esse respeito, o conflito, onde está presente, não pode ser ignorado ou dissimulado, mas aceito. Se o ignoramos podemos continuar enredados e perder a perspectiva correta, limitar os horizontes, e a própria realidade fica fragmentada.

¹¹ Papa Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 14.

¹² *Ibidem*, n. 60.

¹³ Cfr. XV Assembleia generale ordinaria del Sinodo dei Vescovi, *I giovani*, Documento Finale, op. cit., n. 128.

¹⁴ Cfr. *Constituições e Diretório da Pia Sociedade de São Paulo*, art. 15.

Quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade¹⁵.

O caminho sinodal é um processo onde manifesta-se o esforço comum de superar os conflitos, até porque o inimigo da comunicação não é tanto a divergência ou os possíveis conflitos, mas sim a indiferença. Esta é aquela atitude associada à insensibilidade e à frieza, que gera fechamento às relações humanas e dificulta a partilha.

Ao contrário, um caminho sinodal requer abertura e atenção que conduzem à “escuta”. “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar ‘é mais do que ouvir’. É uma escuta recíproca em que cada um tem algo a aprender”¹⁶. Nesta perspectiva é necessário libertar a mente e o coração dos preconceitos e estereótipos, principalmente em relação às pessoas que já conhecemos: quando pensamos de já saber quem é o outro e o que deseja, então teremos realmente dificuldade de escutá-lo seriamente¹⁷.

Num caminho sinodal fecundo prevalece a atitude de escuta do outro, considerando que este “outro” não é apenas aquele com o qual simpatizo mais ou que pensa exatamente como eu. Esse “outro” refere-se a todos aqueles com quem estou em contato ou reunido e que, embora diferentes de mim, creem nos mesmos valores e sentiram o chamado de Deus para o mesmo ideal de vida.

b) Diálogo

Uma vez libertos dos preconceitos, é o momento de travar um diálogo – que significa precisamente estar convictos que o outro tem algo a dizer –, é reservar espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas. Da escuta nasce o diálogo¹⁸ que é, justamente, o processo que põe em movimento um caminho de aproximação e que procura unir o que está dividido ou, em outros casos, reforçar os laços positivos já presentes nas relações.

Diálogo não é travar batalha numa guerra de ideias, e sim escuta e esforço de compreensão. Uma crítica honesta e transparente é construtiva e ajuda, ao passo que isso não ocorre com as tagarelices inúteis, as fofocas, as deduções superficiais ou os preconceitos que, ao invés, bloqueiam o diálogo. Dialogar não significa renunciar às próprias ideias, mas à pretensão que sejam únicas e absolutas¹⁹. Se não estamos dispostos a abandonar alguma coisa, será difícil criar a aproximação. O diálogo “*não nivela, mas apela para o que existe de mais próprio e original nos outros, estimulando a capacidade de viver a diferença não como motivo de conflito, mas de dom recíproco, ou seja, conduzindo além da lógica da contraposição, para a lógica da convergência*”²⁰.

Podemos dizer que, hoje, o diálogo pode-se desenvolver presencialmente ou no ambiente digital, espaço importante de comunicação que também ajuda as pessoas a se aproximarem entre si. Todavia, como muitas vezes se costuma dizer, e com razão, a multiplicação das possibilidades técnicas não coincide necessariamente com o aumento de nossa capacidade de comunicar, no sentido de partilhar e criar comunhão. Para que

¹⁵ Cfr. Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 226.

¹⁶ Papa Francisco, *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015.

¹⁷ Cfr. Papa Francisco, *Discurso na abertura do Sínodo dedicado aos jovens*, 3 de outubro de 2018.

¹⁸ Diálogo: do grego *dià-lêgein*, ligar o que está separado, unir por meio da palavra duas pessoas distintas (cfr. AA.VV., *Identità multiculturale e multireligiosa. La costruzione di una cittadinanza pluralistica*, Franco Angeli, Milano 2004, p. 46).

¹⁹ Cfr. Papa Francisco, *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”, 1º de junho de 2014.

²⁰ Giacomo Panteghini, *Quale comunicazione nella Chiesa? Una chiesa tra ideali di comunione e problemi di comunicazione*, EDB, Bologna 1993, p. 140.

haja diálogo, não é suficiente a conexão ou que cada um exponha a própria opinião, embora a possibilidade de manifestar-se com liberdade seja um primeiro passo. É necessário sentir a presença do interlocutor e haver tempo para o intercâmbio que, neste processo, muito perderia de sua eficácia se reduzido apenas à conexão digital.

c) Palavra e silêncio

No processo de diálogo, duas atitudes devem necessariamente integrar-se: a palavra e o silêncio. Não basta, obviamente, proferir palavras; é preciso também falar com coragem e *parresia*, integrando *liberdade*, *verdade* e *caridade*²¹. Para escutar é imprescindível o silêncio, aquele silêncio fecundo e acolhedor que nos põe em harmonia com o mundo interno e externo.

O silêncio é a atitude que ajuda a nos conhecermos melhor, que nos permite compreender com maior clareza o que desejamos dizer ou aquilo que esperamos do outro, e que permite de escolher como nos manifestar. Calando, dá-se oportunidade também à outra pessoa de falar e de manifestar-se a si mesma. Abre-se desse modo o espaço de escuta recíproca e torna-se possível uma relação humana mais plena²².

Palavra e silêncio são dois aspectos que dão valor e significado à comunicação, e que devem equilibrar-se e suceder-se para gerar um diálogo autêntico e uma aproximação profunda com o interlocutor. Somente a partir de um processo dialogal – em que se integram palavra e silêncio – torna-se possível o discernimento comum, trabalho necessário para as escolhas certas e para as decisões adequadas.

d) Discernimento

Escuta, silêncio, franqueza no falar e abertura na escuta são atitudes fundamentais, para que o caminho sinodal seja verdadeiramente um processo de discernimento²³. E quando falamos de discernimento, queremos ressaltar, conforme já ressaltado, que um caminho sinodal não é um parlamento, mas um percurso feito por irmãos que procuram, juntos, escutar o que o Espírito diz.

De fato, *“não se trata de engajar-se num debate em que um interlocutor tenta superar os outros ou rebater suas posições com argumentos contundentes, mas de expor com respeito o que se percebe, em consciência, sugerido pelo Espírito Santo como útil em vista do discernimento comunitário, abertos ao mesmo tempo para acolher aquilo que nos posicionamentos dos outros é sugerido pelo mesmo Espírito, ‘para o bem comum’ (cf. I Cor 12,7)”*²⁴.

O caminho sinodal é um itinerário em que a comunicação tem peso considerável, mas na perspectiva da fé que se fundamenta sobre a certeza que Deus fala na história, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontramos e que nos falam. É em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida que o Pai se revela, que nos é concedido o Espírito e que encontraremos primeiramente a inspiração para o caminho sinodal. Dele, modelo de comunicação generativa – que salva, liberta e cria comunhão –, aprendemos a ser verdadeiras pessoas de relações, para fazer da sinodalidade um modo de ser Igreja em vista da missão.

²¹ Papa Francisco, *Discurso na abertura do Sínodo dedicado aos jovens*, op. cit.

²² Papa Bento XVI, *Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais. “Silêncio e Palavra: caminho de evangelização”*, 20 de maio de 2012.

²³ Papa Francisco, *Discurso na abertura do Sínodo dedicado aos jovens*, op. cit.

²⁴ Commissione Teologica Internazionale, *La sinodalità*, op. cit., n. 111.

4. Jesus: Mestre no caminho sinodal

Jesus, em perspectiva trinitária, é a nossa primeira referência no caminho sinodal. De fato, a sinodalidade é caminho de fé que se sustém antes de tudo na comunhão de amor entre as três pessoas divinas – Pai, Filho e Espírito Santo – e na sua comunicação conosco²⁵. Deus é relação. Igualmente a pessoa humana, imagem e semelhança de Deus, é relação. Deus, na fé cristã, é um Deus que caminha com o ser humano e, neste percurso, fala, escuta, dialoga e convida o homem a um relacionamento pessoal, livre e responsável com Ele.

É oportuno ter presente que toda a Bíblia é um ato de comunicação de Deus que se realiza na história do povo a caminho a partir de Abraão, pai na fé, para atingir o seu ápice em Jesus, o Verbo feito carne (cf. Hb 2,1-2). A palavra escrita é importante, porém a fé cristã não é religião do livro mas da Palavra de Deus, não de uma palavra escrita e muda, mas em primeiro lugar do Verbo encarnado e vivente²⁶. A missão da Igreja é evangelizar, cientes que Jesus, justamente ele, é “o Evangelho eterno”²⁷. Em Jesus realiza-se o mistério pascal: um Deus que se faz carne, morre na cruz por amor, ressuscita e vive para sempre!

Jesus não apenas indica o “caminho” a seguir, não apenas nos motiva a um caminho sinodal, mas ele próprio se apresenta aos seus discípulos como “caminho”, termo que aparece no Evangelho de João e que está na base de nossa espiritualidade paulina. De fato, quando Tomé faz a pergunta “*Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos conhecer o caminho?*”, Jesus responde: “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém chega ao Pai, a não ser por mim*” (Jo 14,6).

Jesus revela-se como “o caminho” que conduz ao Pai. É o caminho de Deus em direção ao ser humano e do ser humano em direção a Deus. É o peregrino evangelizador que anuncia a Boa Notícia do Reino de Deus (cf. Lc 9,11), uma peregrinação que não percorre sozinho mas unido ao Pai e ao Espírito Santo, junto a inúmeros homens e mulheres, seus contemporâneos.

O caminho do seguimento de Jesus – embora no início tenha sempre uma resposta pessoal de adesão – não é todavia um caminho solitário, mas a ser percorrido juntos. A Igreja primitiva já tinha a consciência de pertencer ao “caminho do Senhor”, e que os seus membros eram “discípulos do Caminho”. Jesus é o caminho (*odòs*) que as primeiras comunidades cristãs percorrem juntamente (*syn*) (cf. At 9,1-2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22), procurando viver e testemunhar o Evangelho.

O próprio Jesus como “caminho” torna-se um estilo de vida a ser assimilado pelos seus discípulos. Nesta óptica, Padre Alberione diria que ser discípulo é *estabelecer-se em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida*²⁸; é *conformar-se a ele*; é *viver Jesus Cristo como apresentado no Evangelho*²⁹, o que equivale a “*ser santo*”³⁰. Santidade que se espelha na santidade de Jesus e que, além disso, é visível na sua comunicação vital com Deus Pai, com os seus discípulos e com as pessoas que encontra, comunicação que gera vida para todos aqueles que se abrem à sua mensagem.

²⁵ Cfr. Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, *Ética nas comunicações sociais*, 4 de junho de 2000, n. 3.

²⁶ Cfr. Papa Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 7.

²⁷ Cfr. Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 11.

²⁸ Cfr. Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei* I, 87.

²⁹ Cfr. Tiago Alberione, *Carissimi in san Paolo*, Edizioni Paoline, Roma 1971, p. 264.

³⁰ Cfr. Carta Anual do Superior Geral. *Santidade: um estilo de vida*, 2016.

A seguir procuraremos apresentar alguns aspectos que encontramos em Jesus e que nos ajudam a caminhar juntos, mas faremos isso a partir da figura eminente do Apóstolo Paulo, nossa primeira referência como Paulinos no seguimento de Jesus. São Paulo nos indica algumas atitudes concretas, inspiradas no Evangelho, que favorecem a comunicação fecunda e necessária para construir o caminho sinodal.

5. Paulo: apóstolo sinodal

Partimos do fato que São Paulo, após seu encontro com Jesus Cristo no caminho de Damasco, de perseguidor torna-se ele também seguidor do “Caminho” (cf. Gl 1,11-12; 1,23), a ponto de afirmar: “*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20). A mudança causada pela revelação do Ressuscitado mudou radicalmente seu coração e sua mente de fariseu observante e, de maneira particular, seu modo de relacionar-se com as pessoas, especialmente os cristãos.

Após o encontro com Jesus e ser batizado, Paulo aproxima-se dos “seguidores do Caminho”, porque já não os vê como “dissidentes” ou inimigos, mas como irmãos; não mais como ameaça, mas como companheiros na mesma missão. Na verdade, São Paulo não é um apóstolo solitário. Conforme o próprio papa Francisco afirma, “*o apóstolo Paulo, o maior missionário da história da Igreja, nos ajuda a ‘fazer Sínodo’, a ‘caminhar juntos’*”³¹.

Por vezes nós Paulinos consideramos o Apóstolo sobretudo na sua dimensão missionária, na sua atividade apostólica, como pregador e escritor, como apóstolo que procura utilizar todos os instrumentos da comunicação na sua época para o anúncio do Evangelho. Se tudo isso é sem dúvida referência relevante para nossa missão, todavia nem sempre damos a mesma importância ao fato que, neste trabalho, ele cria relações, constrói comunhão, caminha com e na Igreja.

Como caso concreto de experiência sinodal podemos mencionar o Concílio de Jerusalém (cf. At 15,1-35), o primeiro Concílio da Igreja, do qual Paulo é um dos principais protagonistas. Neste “sínodo”, que tinha Pedro à frente – e sob a guia do Espírito Santo –, os participantes, tendo discutido e feito discernimento, tomam decisões importantes em relação à Igreja nascente.

É certo que Paulo participa ativamente deste Concílio, mas dele aprendemos que a sinodalidade não é apenas recurso para resolver questões ocasionais, como ocorre nesta ocasião. Observando em geral Paulo no seu trabalho de evangelização, descobre-se que, para ele, a sinodalidade é um verdadeiro e próprio método de viver e de agir como cristão.

Apesar das dificuldades, ele procura trabalhar junto, em equipe, em “rede”, com diversos colaboradores, homens e mulheres, mostrando com sua praxe pastoral que a comunidade cristã se constrói e se instaura como comunidade de relações. Há muitas passagens na vida de Paulo onde podemos vê-lo justamente nessa perspectiva. Mas é importante dar-se conta que, por trás desta capacidade de trabalhar em sinergia, existem atitudes que nascem do coração do Evangelho e que são imprescindíveis para criar pontes e para caminhar juntos.

³¹ Papa Francisco, Homilia na Missa de abertura do Sínodo dos Bispos para a Amazônia, 6 de outubro de 2019.

a) A humildade: ponte para as relações

Partindo do princípio que a sinodalidade é caminho de relações (com Deus e com os outros), aprendemos do Apóstolo Paulo que não é possível percorrê-lo sem a abertura ao próximo, e que não existe abertura sem humildade. De Paulo compreendemos que a humildade é a virtude necessária para descentrar-se de si mesmos, que permite aproximar-se sinceramente dos outros³². É uma das condições basilares de todo relacionamento humano, que favorece a escuta e o diálogo.

Nesta perspectiva nos ilumina a Carta aos Filipenses que, na exortação que precede o hino cristológico de Fl 2,6-11, apresenta aos membros da comunidade cristã forte estímulo à unidade, e indica a humildade como atitude para atingir tal objetivo: “*Não façam nada por competição ou pelo desejo de receber elogios, mas com humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo*” (Fl 2,3).

Conforme depois o mesmo hino esclarece, esta humildade deve ser sempre modelada na de Cristo que, com sua Encarnação, desce de sua “condição divina” e “esvazia-se a si mesmo”; sobre a humildade daquele que, sendo igual a Deus, opta por partilhar a vida e o destino humano até a morte de cruz³³, e assim assume o último lugar no mundo e, justamente por esta humildade radical, nos redime³⁴.

De fato, podemos dizer que Jesus, na encarnação, mostra uma forma de sinodalidade muito forte, matricial de qualquer sinodalidade eclesial: ela consiste no seu vir, descer, aproximar-se, partilhar em tudo a condição humana “*menos no pecado*” (Hb 4,15). Em termos mais explícitos: o esvaziamento de Jesus o leva a se aproximar dos homens e das mulheres em suas situações concretas, feitas de alegrias e de esperanças, de dores e de angústia. Aproximação tangível no serviço: “*Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida como resgate por muitos*” (Mc 10,45).

Consciente dessa humildade, “Saulo” torna-se “Paulo”, cujo nome significa justamente “pequeno”³⁵. O arrogante Saulo torna-se “Paulo, servo de Jesus Cristo” (Rm 1,1). De Paulo – que na fraqueza sente-se forte! (cf. 2Cor 12,10) – aprendemos que, se não nos “esvaziamos” do orgulho, da prepotência, da mania de tudo saber, dos preconceitos etc., é difícil aproximar-se das pessoas e percorrer um caminho juntos.

A humildade, inspirada na de Jesus, é uma atitude necessária para abrir-se ao outro. Nosso Fundador compreendeu bem a importância da humildade: “*Ter como ideia base: Qual vossa virtude individual e dos grupos e de toda a Comunidade? É a humildade. E a primeira virtude é a humildade; a segunda, a humildade; a terceira, a humildade; e se cem e mil vezes me perguntareis isto, outras tantas vezes vos responderei: a humildade*”³⁶.

A humildade é a virtude que nos permite descer em nosso próprio “húmus”³⁷, que nos conduz à nossa própria realidade humana pessoal, que nos faz tocar e aceitar nossos limites. Uma vez conscientes de nossa realidade, com todos os seus limites, é possível acolher o irmão com seus defeitos e limites. Pois, se não reconhecemos e não aceitamos

³² Cfr. Rinaldo Fabris, *Lettera ai Filippesi. Struttura, commento e attualizzazione*, EDB, Bologna 1983, p. 62.

³³ Cfr. Rinaldo Fabris, *Lettera ai Filippesi*, op. cit., p. 65.

³⁴ Cfr. Papa Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 35.

³⁵ Rinaldo Fabris, *Paolo. L'apostolo delle genti*, Paoline, Milano 1997, p. 32.

³⁶ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 817.

³⁷ «A humildade tem a mesma raiz de “húmus” (terra, terreno). A humildade é a consciência da própria pobreza ontológica e existencial, que se contrapõe à soberba e aos seus frutos, a arrogância e a presunção. Segundo todos os mestres espirituais, a humildade é o fundamento, o terreno, o húmus, de todas as virtudes” (cfr. <http://www.casalanteri.it/Files/FSSSpUmilt.pdf>).

nossos limites, se não procuramos fazer este exercício de pobreza³⁸, que Jesus e Paulo nos indicam a partir de seu testemunho, será muito difícil reconhecer e aceitar os limites daqueles com quem nos relacionamos e aproximar-nos deles de maneira sincera.

b) Do amor a “artesãos de comunhão”

Do Apóstolo Paulo aprendemos que não existe caminho sinodal sem amor, aquele amor manifestado em Jesus, que se faz humilde, que faz sair de si mesmos para dar a vida. De fato, a humildade funda-se no amor, é um estilo de manifestação do amor³⁹ que vem de Deus, que é gratuito e que atua nas relações com o próximo (cf. Rm 13,8-10)⁴⁰. São Paulo aprendeu do Mestre que o amor é parte da identidade do cristão e, por isso, podia dizer: “*Não tenham nenhuma dívida com ninguém, a não ser a dívida do amor mútuo; pois quem ama o outro cumpriu a lei*” (Rm 13,8).

É interessante que Paulo, ao se referir aos carismas e à comunidade como corpo, sempre indica o amor como seu fundamento. Na Carta aos Romanos, por exemplo, após descrever a comunidade como corpo formado de muitos membros com dons diversos, faz alusão ao amor “não hipócrita” (Rm 12,9-10), “sem máscaras”⁴¹, que leva a relações sinceras e autênticas. Igualmente na primeira Carta aos Coríntios quando – após ter falado dos dons do Espírito (cf. 1Cor 12,1-11) e da comunidade como corpo de Cristo com seus diversos membros (cf. 1Cor 12,12-30) – apresenta o amor como dom ao qual todos devem aspirar (cf. 1Cor 14,1)⁴².

O amor, que tem sempre como referência o amor generoso e incondicional de Jesus, é realmente a força que conduz à reconciliação, à fraternidade, à comunhão, que une as pessoas apesar das diferenças. É deste amor vivido que nasce “*uma comunidade paciente, que serve, que não se ensoberbece, que não se irrita, que tudo crê, tudo espera, tudo suporta; nela fala-se bem de todos, confia-se em todos, estima-se a todos*”⁴³.

Uma vez assumido o amor como lei suprema, o Apóstolo Paulo torna-se verdadeiro “artesão de comunhão”, isto é, começa a realizar o difícil mas gratificante trabalho de unir as pessoas em torno do Evangelho, formando comunidade, obra que exige paciência, criatividade, perseverança. Paulo sabia bem o que era um artesão, ele que desempenhava trabalho de tipo artesanal⁴⁴ com couro, para fabricar tendas e outros objetos⁴⁵.

Paulo tinha consciência das exigências desse modo de agir. Não obstante as dificuldades e algum conflito, sempre procurava superar e motivar as comunidades a olhar para frente, unidas em torno ao mesmo objetivo de viver e testemunhar o Evangelho. Seu modo de ser, mediante a escuta, o diálogo, o discernimento – atitudes que certamente exigiam humildade e amor – sempre foi verdadeira inspiração para os cristãos em seu caminho sinodal.

³⁸ O termo “humildade” do vocábulo grego *tapeinophrosyne* reinvoca o “sentir-se pobre” (cfr. Rinaldo Fabris, *Lettera ai Filippesi*, op. cit., p. 62).

³⁹ Idem.

⁴⁰ Antonio Pitta, *Lettera ai Romani. Nuova versione, introduzione e commento*, Paoline, Milano 2001, p. 432.

⁴¹ Cfr. nota em Rm 12,9 na *Bibbia. Via, Verità e Vita*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2012.

⁴² Cfr. Antonio Pitta, *Lettera ai Romani*, op. cit., p. 431.

⁴³ Carlo Maria Martini, *L'utopia alla prova di una comunità*, Centro Ambrosiano, Milano 2014, p. 83.

⁴⁴ Rinaldo Fabris, *Tutto per il Vangelo. La personalità, il pensiero, la metodologia di Paolo di Tarso*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2008, p. 24.

⁴⁵ Giuseppe Barbaglio, *Paolo di Tarso e le origini cristiane*, Cittadella, Assisi 1985, p. 54.

6. Uma Congregação a caminho

Até aqui apresentamos algum aceno à grandeza da sinodalidade, com ênfase na comunicação como aspecto indispensável desse modo de ser Igreja. Depois, apresentamos Jesus como o “caminho”, fundamento para um estilo de vida sinodal, e o Apóstolo Paulo como homem de relações, que nos indica a humildade e o amor como duas atitudes que ele aprendeu do Mestre e que o levaram a ser “artesão de comunhão”. Agora procuraremos olhar mais em profundidade nossa vida paulina para ver, concretamente, em que ponto estamos no trabalho de tornar “sinodal” a nossa Congregação.

Certamente nosso Fundador nunca usou o termo “sinodalidade”, no sentido em que o entendemos nestas reflexões, também pelo fato de ser uma ideia que nasce no contexto da Igreja após o Concílio Vaticano II. Sabemos, porém, como ele insistiu, em diversas ocasiões, sobre a necessidade de uma vida comum harmoniosa e em sintonia com a Igreja, para o bem da vida e da própria missão paulina. Vida comum que busca a unidade. De fato, para ele vida comum significa *“unidade de pensamento, unidade de obras, orientação única no falar, unidade de sentimentos, unidade de fim. Todos devem contribuir para o fim principal e ao fim secundário: a santificação pessoal e o apostolado”*⁴⁶.

Sabemos quanto não seja fácil viver a dimensão da unidade no mundo hodierno, em que se propagam muito fortemente o individualismo, o narcisismo, a indiferença em relação ao próximo, atitudes que muitas vezes entram também no interior de nossas comunidades, dificultando o bom resultado da “vida comum”. O desafio de retomar o significado de “caminhar juntos” é contínuo.

Assim como a Igreja, em seu conjunto, é chamada a trabalhar em sinergia sinodal com os ministérios e carismas presentes na sua vida, para discernir os caminhos da evangelização na escuta da voz do Espírito⁴⁷, assim nós também, ao interno de nossa Congregação, somos chamados a fazer o mesmo, isto é, a viver a unidade, embora na diversidade de dons, em vista da missão de evangelizar na cultura da comunicação.

Apresentaremos a seguir alguns aspectos de nossa vida paulina, procurando avaliá-los à luz do que foi apresentado acima, mas sempre no desejo de descobrir aqueles horizontes que nos levem a ser uma “Congregação sinodal”. Constatações que, mesmo com algum aceno crítico sobre nossa realidade, são porém cheias de esperança.

a) A responsabilidade de cada um

Mesmo se a sinodalidade é um caminho trilhado juntos, a eficácia desse processo depende em grande parte da boa vontade de cada pessoa em tomar a sério esse modo de ser Igreja. Conforme ressaltai em minhas Cartas Anuais precedentes, que tinham por tema cada ano uma das quatro rodas do carro paulino, também a sinodalidade, para que ela possa ser vivida e concretizada, depende em grande parte de cada pessoa.

Aquelas cartas evidenciaram que é sobretudo da pessoa que depende a qualidade das relações (com Deus, com os outros, consigo mesmo), a fidelidade aos conselhos evangélicos, a vida espiritual e a formação integral, o cultivo do estudo na perspectiva da “estudiosidade”⁴⁸, o empenho no apostolado com zelo e criatividade, a prática da pobreza, etc.

⁴⁶ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 540.

⁴⁷ Commissione Teologica Internazionale. *La sinodalità*, op. cit. n. 53.

⁴⁸ Cfr. Carta Anual do Superior Geral. *O estudo para a missão*, 2017.

Da mesma forma, a respeito da sinodalidade, podemos bem dizer que ela depende do empenho de cada pessoa, de sua abertura de espírito, do esforço de escutar e dialogar, de superar possíveis conflitos do passado, de sua capacidade de perdoar, de ter uma visão de conjunto da missão. Em última análise, o querer “caminhar juntos” depende de cada um de nós.

Se não passarmos do eu individualista ao “nós eclesial” ou ao “nós comunitário e congregacional”, será difícil caminhar juntos. Como dizia nosso Fundador: “Os egoísmos pessoais destroem a vida de comunidade; os egoísmos sociais, políticos, familiares, destroem até os institutos, ou pelo menos os condenam à esterilidade”⁴⁹.

b) Viver e trabalhar em sinergia

A sinodalidade exige que cada um valorize o viver e o trabalhar juntos. Também se fizemos a profissão religiosa conscientes que “o valor fundamental da comunidade é constituído pelas pessoas que a compõem, e o fim dela é a ajuda fraterna para a sua santificação na dedicação ao apostolado”⁵⁰, na prática vemos, porém, que nem sempre é fácil manter-se fiel a esse propósito.

É belo, sem dúvida, ver que em alguns lugares, apesar das dificuldades, os confrades procuram superar os conflitos e, visando ao bem comum, vivem a vida consagrada e trabalham juntos não obstante as diferenças. Por outro lado, existem realidades onde ainda não é fácil caminhar juntos. Em geral isto ocorre onde há obstáculos a serem superados, relacionados a experiências negativas do passado, muitas vezes no âmbito de relacionamentos humanos.

Mas surgem dificuldades também onde continua uma visão por demais “mercantilista” do apostolado paulino, e onde vigora uma visão estritamente piramidal e autoritária no plano decisório. Temos necessidade, então, de retornar às raízes profundas pelas quais optamos pela vida consagrada paulina. É preciso ver até que ponto nos deixamos guiar pela lógica do Evangelho e não, ao invés, pela lógica mercantilista.

O desafio de caminhar juntos é de todos e em todos os níveis: Governo geral, provincial, regional e local. O tema da sinodalidade leva-nos a examinar atentamente como trabalhamos em nossos Conselhos e nas diversas instâncias de planejamento e de decisão. Em nível de Governo geral nos interrogamos, por exemplo, a respeito de como atuamos nos diversos Organismos internacionais (SIF, CTIA, Centro de Espiritualidade Paulina, Centro Bíblico Paulus, SOBICAIN) e nos Organismos continentais (CIDEP, GEC, CAP-ESW). No interior das Circunscrições, temos de nos perguntar até que ponto se consegue trabalhar em equipe na animação vocacional, na formação, no apostolado, na administração, na economia, etc.

E devemos também pensar como se dá a colaboração entre os diversos setores, como por exemplo o apostolado⁵¹ e a formação, tendo presente que na vida paulina a formação (inicial e permanente) é em vista da missão. O que é possível fazer para que estas duas dimensões de nossa vida possam integrar-se sempre mais, com o objetivo de

⁴⁹ Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei* I, 382.

⁵⁰ *Constituições e Diretório da Pia Sociedade de São Paolo*, art. 17.

⁵¹ “É evidente que o desenvolvimento e a fecundidade do apostolado não dependem só da adoção dos meios que o progresso técnico e científico põe regularmente a serviço do Evangelho, mas depende sobretudo da pessoa do apóstolo que desenvolve a missão: «O apostolado é um fruto, e o fruto vem da planta: se a planta é sã, o fruto será abundante; mas se a planta é doente, o fruto ou não existirá ou será escasso»” (cfr. Carta Anual do Superior Geral. *Apóstolos comunicadores. Para uma cultura do encontro*, 2018).

formar “apóstolos comunicadores e consagrados” que vivam e anunciem o Evangelho no complexo universo da comunicação atual?

Outro aspecto importante no caminho sinodal diz respeito às relações intergeracionais, isto é, o esforço de caminhar todos juntos mantendo vivo o diálogo entre as gerações. É indispensável buscar um caminho harmonioso, onde haja abertura à escuta, a um caminho em que os jovens valorizem o passado, a história, aquilo que já foi feito e construído, etc., e os adultos e os idosos se abram às novidades que os jovens trazem, aos seus sonhos, às suas dúvidas, mas sobretudo que sejam testemunhas credíveis do Evangelho e da vida paulina.

Eis uma afirmação maravilhosa de papa Francisco em relação à dimensão da intergeracionalidade: *“Se caminhamos juntos, jovens e idosos, poderemos estar bem radicados no presente e, desta posição, percorrer o passado e o futuro: percorrer o passado, para aprender da história e para sanar as feridas que às vezes nos condicionam; percorrer o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças. Desse modo, unidos, poderemos aprender uns dos outros, reaquecer os corações, inspirar nossas mentes com a luz do Evangelho e dar força nova às nossas mãos”*⁵².

Enfim, o trabalho em sinergia nos faz pensar também em nossos colaboradores leigos. É importante ver quem trabalha conosco não como adversário ou concorrente, mas como um recurso humano que se une a nós para levar adiante a missão paulina. É de exemplo para nós como São Paulo soube trabalhar com seus colaboradores. Devemos caminhar todos juntos – Paulinos e leigos –, buscando o bem comum, embora às vezes esse caminho possa ser árduo. Diz um provérbio africano, já conhecido e repetido algumas vezes por papa Francisco: *“Se queres caminhar depressa, vá sozinho; mas se queres ir longe, vá acompanhado”*.

c) O serviço da autoridade

Obviamente no caminho sinodal não desaparece o papel da autoridade, mas requer compreensão mais evangélica, que vá além da visão piramidal, centralizadora e unidirecional. É necessário o testemunho do exercício de uma autoridade de tipo “horizontal”, que caminha junto com os irmãos, ajudando-os a crescer na fidelidade ao Evangelho e ao carisma.

A autoridade tem um papel importante no caminho sinodal, mas deve ser entendida na óptica do serviço (*diakonia*), considerando que a Igreja não é um lugar de relações de poder, exercido por quem está no alto sobre quem está abaixo. Assim, de fato, não teria nenhuma diferença em relação às organizações civis e aos sistemas políticos. É preciso partir do ensinamento do Mestre, que disse aos seus discípulos: *“Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e os grandes impõem sua autoridade sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem de vocês quiser tornar-se grande, seja aquele que serve. E quem de vocês quiser ser o primeiro, seja o servo de vocês”* (Mt 20,25-27).

O tema da sinodalidade nos leva a rever como se exerce a autoridade em todos os âmbitos de nossa Congregação. É necessário avaliar se, de fato, a autoridade promove o crescimento da vida fraterna mediante o serviço da escuta e do diálogo, se procura criar um clima favorável à partilha e à corresponsabilidade, se favorece a participação de todos às coisas de todos⁵³. Somos servidores, não patrões. E onde alguém agiu como patrão, nós conhecemos bem as tristes consequências que derivaram.

⁵² Papa Francisco, *Christus vivit*, n. 199.

⁵³ Cfr. CIVCSVA, *Il servizio dell'autorità e l'obbedienza*, 11 maggio 2008, n. 20.

Não podemos esquecer que “a partir do Concílio Vaticano II, na base de muitos documentos eclesiais, favoreceu-se a passagem de uma autoridade patriarcal, personalista e piramidal, para outra mais liberal e fraterna; e portanto de um modelo de obediência com fortes acentos disciplinares e jurídicos a outro de dimensão comunitária e apostólica (isto é, em vista da missão), com valorização mais atenta às pessoas, ao diálogo e à corresponsabilidade”⁵⁴.

Sabemos que não é fácil exercer o serviço da autoridade, especialmente em nossos dias. Portanto, os que estão empenhados nesse serviço necessitam também de ajuda, compreensão e oração. Por outro lado, precisamos de uma autoridade que escute a todos e que promova verdadeira animação do caminho sinodal, visto que seu serviço não é apenas executar decisões coletivas, mas, ouvido o pensamento dos membros e após necessário discernimento, espera-se dela uma palavra conclusiva, que a seguir empenha a todos em pôr em prática as decisões tomadas⁵⁵.

d) A organização apostólica

Nossa missão é evangelizar, e a sinodalidade, como já foi dito, é em vista desse objetivo. O caminho sinodal na perspectiva de nossa missão específica procura promover o trabalho em sinergia e a unidade, estabelecidos a partir de um Projeto apostólico, também feito sinodalmente.

Com relação ao apostolado, o Fundador insistia: “O apostolado seja unido, para toda a Congregação. Centro único: tudo ali, firmemente, sem deixar-se guiar por pequenos interesses ou por pontos de vista particulares: tudo isto deve desaparecer no bem comum, universal. Existe um bem universal a conseguir, o qual é de se antepor a qualquer bem privado: isto é obrigação, não conselho; é obrigação religiosa”⁵⁶.

A comunicação é realidade imprescindível na organização apostólica. De fato, considerando a comunicação como centro de nosso carisma institucional, não podemos contentar-nos de ter um projeto pastoral neste âmbito, mas é também necessário que a dimensão relacional seja parte integrante do próprio Projeto⁵⁷. No 2º Seminário Internacional dos Editores Paulinos aprofundamos que o editor de hoje e do futuro é homem de relações⁵⁸: internamente e externamente. Isto nos leva a assumir sempre mais a identidade do Paulino como homem de comunicação, capaz de cuidar das relações.

Não é suficiente difundir com nossos meios de comunicação as belas mensagens de papa Francisco sobre a sinodalidade. Também é necessário ver como as praticamos ao interno de nossas comunidades e de nossa atividade apostólica, e o que fazemos quando nossas estruturas dificultam tal caminho. Até que ponto as diversas atividades apostólicas estão integradas no Projeto apostólico circunscricional? Que nos falta para trabalhar mais em sinergia?

Nessa perspectiva parece que nosso documento *Serviço da Autoridade na Sociedade de São Paulo. Manual* – que continua referência importante para nosso apostolado – num futuro próximo deverá ser atualizado, a fim de promover estruturas apostólicas mais simples, eficazes e capazes de motivar mais ampla participação.

⁵⁴ Servizio dell'autorità nella Società San Paolo. Manuale, n. 011.3.

⁵⁵ Cfr. Constituições e Diretório da Pia Sociedade de São Paulo, art. 43.

⁵⁶ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1190.

⁵⁷ Cfr. Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, *Aetatis novae*, n. 17.

⁵⁸ Federico Badaloni, *Ripensare il ruolo dell'editore, oggi*, in *Atti del 2º Seminario Internazionale degli Editori Paolini*, Società San Paolo – Casa generalizia, Roma 2018, p. 191.

e) Com a Igreja, uma Congregação em saída

É verdade que somos Igreja e com a Igreja queremos ser uma Congregação em saída⁵⁹. Todavia, não se trata de sair para o mundo sem direção e sem sentido⁶⁰, mas juntos, com um plano pastoral claro, com um Projeto apostólico factível, com uma organização que seja participativa. O objetivo dos processos participativos na organização apostólica, motivados pelo caminho sinodal, não é em vista da estrutura interna, isto é, esses processos não têm motivação em si próprios, mas no sonho missionário de chegar a todos com a mensagem do Evangelho. Assim deve ser para a missão paulina que, segundo nosso Fundador e no espírito do Apóstolo Paulo, deve estender-se a tudo e a todos⁶¹.

Obviamente, quando Padre Alberione afirmava que devemos chegar a todos, ele tinha presente a comunicação de massa. Compreendia o desejo de chegar com o Evangelho a um número sempre maior de pessoas: adultos, jovens, crianças, e entre esses de modo particular os distantes, os não cristãos, os não católicos, os enfermos.

É verdade que desejamos chegar a todos, mas, no contexto da sociedade atual, especialmente com o domínio das tecnologias digitais, a comunicação está mudando e as estratégias para chegar “a todos” devem ser reexaminadas. Isto é, torna-se sempre mais difícil chegar a todos ao mesmo tempo. É importante ter presente que “há uma gradualidade comunicativa feita de pequenos passos, medidos sobre as pessoas, sobre as situações, sobre os ambientes, sobre os problemas que buscamos enfrentar com urgência maior”⁶².

Perante as mudanças urge sempre mais unir as forças para descobrir como chegar aos nossos interlocutores, com qual conteúdo, com quais meios, com quais estratégias. É preciso caminhar juntos para levar adiante o apostolado já consolidado no campo da imprensa, mas também entrar mais incisivamente no ambiente digital, de maneira a ser verdadeiros “pastores digitais” mediante internet, redes sociais, web-radio e web-tv, smartphone e App’s, que as novas tecnologias põem à nossa disposição. É necessário também unir as forças para levar adiante tantas outras iniciativas paulinas, como os Centros de Estudo em Comunicação, as livrarias entendidas como centros de evangelização, os centros culturais, os cursos e outras iniciativas no campo bíblico, como o Festival Bíblico, o Bible Quiz, etc. Todos estes são espaços privilegiados não apenas para fornecer conteúdos, mas sobretudo para criar relações.

Importante é não ter medo de afrontar a nova realidade comunicacional que desponta no horizonte. A este respeito é muito atual o que disse São João Paulo II, quase ao final do seu pontificado: “*Não tenhais medo das novas tecnologias! Elas estão ‘entre as coisas maravilhosas’ – ‘inter mirifica’ – que Deus colocou à nossa disposição para descobrir, usar, tornar conhecida a verdade, também a verdade sobre nossa dignidade e sobre nosso destino de filhos seus, herdeiros de seu Reino eterno. Não tenhais medo da oposição do mundo! Jesus nos assegurou ‘Eu venci o mundo!’ (Jo 16,33). Não tenhais medo nem mesmo de vossa fragilidade e de vossa inadequação! O Divino Mestre disse: ‘Eu estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos’ (Mt 28,20)’*”⁶³.

⁵⁹ Cfr. X Capitolo generale della Società San Paolo, *Dichiarazione capitolare. “Evangelizzare oggi nella gioia come apostoli comunicatori e come consacrati”*, p. 61.

⁶⁰ Cfr. Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 46.

⁶¹ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1328.

⁶² Dario Edoardo Viganò, *Di quali modelli di comunicazione ha bisogno oggi la Chiesa nel mondo*, in *Atti del 2° Seminario Internazionale degli Editori Paolini*, op. cit., p. 104.

⁶³ Papa João Paulo II, *Carta Apostólica. “O rápido desenvolvimento”*, 24 de janeiro de 2005, n. 14.

Estes pensamentos nos fazem tomar a sério que “*toda mudança na comunicação ajuda-nos a refletir sobre a totalidade de nossa vida paulina. Se a comunicação muda, os elementos constitutivos de toda nossa vida paulina também devem adequar-se*”⁶⁴. Esta consciência com certeza nos chama àquela “*conversão pastoral e missionária*”⁶⁵ de que fala o papa Francisco, e a percorrer este caminho sinodalmente. Isto é, a percorrer juntos um itinerário que nos leve a vencer a tentação de uma pastoral de autoconservação, do “*foi feito sempre assim*”⁶⁶, buscando as novidades no campo da comunicação para assumi-las com audácia e criatividade, a fim de chegar aos homens e às mulheres de hoje em sua realidade concreta.

7. Palavra e Eucaristia: nutrientes do caminho

Não gostaria de me delongar mais, mas não podemos concluir esta carta sem uma referência ao nutrimento que nos sustenta no caminho sinodal, ou seja, a Palavra de Deus e a Eucaristia. Recordamos que “*Palavra e Eucaristia estão tão intimamente unidas que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus torna-se carne sacramental no evento eucarístico. A Eucaristia abre-nos ao entendimento da sagrada Escritura, assim como a sagrada Escritura por sua vez nos ilumina e explica o Mistério eucarístico*”⁶⁷.

O relato dos discípulos de Emaús no Evangelho de Lucas (cf. Lc 24,13-35) é ícone vivo da Igreja como Povo de Deus, guiado ao longo do caminho pelo Senhor ressuscitado que o ilumina com sua Palavra e o nutre com o Pão da vida⁶⁸. Precisamente como aqueles discípulos, também nós podemos sentir a presença viva de Jesus na sua Palavra e na Eucaristia como Congregação a caminho.

É oportuno recordar as palavras de nosso Fundador, quando afirma que “*Eucaristia e Bíblia combinam muito bem [...] Na Escritura está a sabedoria de Deus, de modo que Eucaristia e Bíblia se completam*”⁶⁹; “*Eucaristia e Bíblia formam o apóstolo da boa imprensa. Estas duas coisas sejam inseparáveis e inseparadas nos vossos corações*”⁷⁰.

Para que a Eucaristia e a Palavra sejam, de fato, nutrientes do caminho, temos necessidade, antes de tudo, de dar tempo ao Senhor para escutá-lo na agitação de cada dia. É preciso dedicar tempo para celebrar juntos, como comunidade. Também onde existem dificuldades devido aos empenhos apostólicos, é indispensável encontrar algum tempo, ao longo da semana, no qual a comunidade possa encontrar-se para viver junta a Eucaristia.

O mesmo podemos dizer sobre a visita eucarística. É certo que o Senhor se revela em tantas situações de nosso dia e de tantas formas, mas a “*visita eucarística*”, que Padre Alberione chamava muitas vezes “*a visita*”, continua sendo um momento privilegiado para o encontro com o Mestre. A este respeito assim nos orienta o Fundador: “*Os modos de fazer a Visita ao Santíssimo são muitos, mas o primeiro modo é fazê-la (porque às vezes pode faltar a vontade); o segundo modo é fazê-la; e o terceiro, é ainda fazê-la...*”⁷¹

⁶⁴ Silvio Sassi, *Introduzione al Seminario*, in *L'Attualizzazione del carisma paolino nel terzo millennio: spiritualità e missione*, Atti del Seminario Internazionale, Società San Paolo – Casa generalizia, Roma 2008, p. 63.

⁶⁵ Cfr. Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 25.

⁶⁶ Cfr. Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 347.

⁶⁷ Papa Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 55.

⁶⁸ Cfr. Commissione Teologica Internazionale, *La sinodalità*, op. cit., n. 16.

⁶⁹ Tiago Alberione, *Haec Meditare I*, p. 80.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Tiago Alberione, *Haec Meditare II*, p. 178.

É verdade que esses momentos de oração não se podem reduzir a simples “prática”, isto é, a algo formal. É preciso transformar a celebração eucarística e a visita em momentos fortes do dia, que nos ajudem a ser pessoas mais humanas, mais fiéis à nossa vocação, mais relacionais, mais fraternos e creíveis no seguimento de Jesus.

É salutar que esses momentos sejam vividos em sintonia com todas as outras dimensões da vida paulina: com a animação vocacional, a formação, o apostolado, com a realidade da cultura da comunicação e com as situações concretas do povo que somos chamados a servir. Cada um possa dar sua parte para que a dupla mesa da Palavra de Deus e da Eucaristia, que constrói a comunidade, seja a fonte da qual bebemos para reavivar o dom recebido, para aumentar a força apostólica e para superar o que cria divisão⁷².

8. Conclusão

Caríssimos irmãos, a sinodalidade é um modo de viver a Igreja e também a Congregação; é o caminho eclesial em que todos somos chamados a colaborar, tendo presente que somos companheiros de viagem, “sinodais” precisamente. De fato, sinodalidade é a expressão da fraternidade dos batizados e dos consagrados na vida religiosa, é forma visível da comunhão. Sinodalidade é também a assembleia santa que reza e celebra. É um caminho no qual todos juntos procuramos escutar Jesus, morto e ressuscitado, que continua a falar hoje mediante seu Espírito e a indicar para onde ir, ainda que, ocasionalmente, com modalidades e em direções por vezes imprevisíveis⁷³.

A sinodalidade é um itinerário no qual sempre temos algo a aprender. Pode ocorrer que, no passado, alguém tenha vivenciado, em alguma medida, experiências frustrantes de sinodalidade. Uma possível experiência falida não justifica o não retomar o caminho. Viver presos nos aspectos negativos do passado nos bloqueia, leva-nos à resignação e a uma vida sem perspectivas e sem esperança.

Nesse sentido, é importante ver a sinodalidade como um processo, que acontece no tempo, considerando que o tempo é superior ao espaço. *“Dar prioridade ao espaço leva a enlouquecer para tudo resolver no momento presente, para tentar se apossar de todos os espaços de poder e de autoafirmação. Significa cristalizar os processos e pretender bloqueá-los”*. Ao contrário, valorizar o tempo *“permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão dos resultados imediatos. Ajuda a suportar com paciência situações difíceis e adversas, ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade comporta”*⁷⁴.

Obviamente, no campo da comunicação a velocidade é determinante em alguns aspectos. Será necessário ter a sabedoria necessária para discernir o que é verdadeiramente urgente e aquilo que, ao invés, necessita de mais tempo para permitir o envolvimento de maior número de pessoas na reflexão. É preciso paciência. Como Deus tem paciência infinita conosco, também nós temos necessidade de paciência com nossos coirmãos, com os imprevistos, com os insucessos, com nossos limites, com o próprio processo.

Papa Francisco nos recorda que somos todos filhos desta época e que precisamos superar algumas tentações típicas deste período histórico, que atrapalham o caminhar juntos. Entre elas apresenta a busca excessiva de espaços pessoais de autonomia e distinção, o individualismo, o complexo de inferioridade, a apatia pastoral, a tristeza

⁷² Cfr. X Capitolo generale della Società San Paolo, *Priorità 2.2*.

⁷³ Papa Francisco, Homilia na Missa de abertura da XV Assembleia Geral dos Bispos, 3 de outubro de 2018.

⁷⁴ Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 223.

adocicada, o pessimismo estéril, a fuga do encontro com o outro, a mundanidade pastoral, a ostentação autorreferencial, a obsessão da aparência, as invejas, os ciúmes, a busca do poder na comunidade, as divisões, as calúnias, as difamações e a caça às bruxas⁷⁵. O caminho sinodal exige ultrapassar esses obstáculos com humildade e amor, mas também com paciência, perdão, sacrifício, compaixão, e tantos outros valores que encontramos no Evangelho.

É preciso que nos convertamos. De fato, temos necessidade, cada dia, de “*deixar-nos transformar, renovando o nosso modo de pensar*” (Rm 12,2), que é justamente o texto bíblico que deverá iluminar o XI Capítulo geral. É necessário deixar-nos iluminar pelo Evangelho para ser verdadeiros homens de relações, artesãos de comunhão, que dedicam tempo à escuta, ao silêncio, ao discernimento para escolher – juntos – os caminhos da evangelização. Dado importante é que todos são parte do caminho sinodal, também nossos coirmãos idosos e doentes que, no apostolado do sofrimento, participam intensamente deste percurso, com a oração e o sacrifício.

Esta carta, ainda que com suas limitações, quis despertar o empenho para a sinodalidade. O futuro Sínodo dos Bispos sobre este tema, convocado pelo papa Francisco, nos trará certamente muitos elementos novos para prosseguir nossa reflexão e animar-nos nesta prática. No entretanto, façamos nós este exercício de caminhar juntos. Mas não podemos esquecer neste itinerário as igrejas locais e também a Família Paulina: as Congregações femininas, os Institutos Paulinos de Vida Secular Consagrada, os Cooperadores Paulinos. Se afirmamos que a Família Paulina nasceu da Eucaristia, por que ainda existem, em certos lugares, dificuldades de caminhar juntos, e elaborar projetos comuns?

O Espírito Santo é o primeiro a proteger e manter sempre viva e atual a memória do Mestre – nosso Caminho! – no coração dos discípulos. É ele que pode fazer com que a riqueza e a beleza do Evangelho sejam fontes de alegria e de novidade constantes⁷⁶. Maria, Rainha dos Apóstolos, nos ensine a ser sempre dóceis à ação do Espírito e, como Mãe, esteja sempre ao nosso lado para nos ajudar a caminhar juntos e a ser testemunhas credíveis do Evangelho, e sinais proféticos nesta mudança de época.

Fraternalmente,

Roma, 7 de junho de 2020
Solenidade da SSma. Trindade




P Valdir José De Castro, SSP
Superior Geral

⁷⁵ Cfr. Ibidem, nn. 76-100.

⁷⁶ Papa Francisco, Homilia na Missa de abertura da XV Assembleia Geral dos Bispos, 3 de outubro de 2018.